

## **Grupo de Mídia**

### Área Temática de Comunicação

#### Resumo

Esta intervenção ocorre com crianças e adolescentes participantes do Projeto de Extensão SAPECCA - Serviço de Atenção, Pesquisa e Estudos Com Crianças e Adolescentes - da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, que desenvolve um trabalho sócio-educativo com um grupo de crianças e adolescentes da Vila Brás, que se localiza na periferia de São Leopoldo. O Objetivo desse trabalho é problematizar como a mídia produz subjetividade nas crianças e adolescentes e de que maneira ela atravessa suas vidas e da comunidade, buscando desenvolver o senso crítico e aumento da bagagem cultural. Tem como meta a construção de um jornal comunitário. O trabalho é em grupo onde são realizados debates escolhidos pelo grupo, pelos estagiários e seus supervisores. É um grupo aberto em número de participantes. Observamos a demanda da violência, que atravessa as atividades do grupo. Nele se desenvolvem “pequenos” movimentos instituintes, quando os participantes rompem com a idéia cristalizada da violência na comunidade. O grupo foi se apropriando dos problemas na Vila, tais como: mau atendimento no posto de saúde, lixo nas ruas, falta de espaços de lazer. Através da construção de reportagens, relacionadas a estes temas, o grupo pode resignificar esta violência. O grupo de Mídia contribui para o entendimento crítico das relações sociais construídas historicamente pelo homem. Foi um meio para outras possibilidades de intervenção, de reflexão e problematização do exercício cotidiano da cidadania, atingindo a subjetividade e o senso crítico.

#### Autoras

Helenara Silveira Fagundes – Mestre em Serviço Social e Professora do Curso de Serviço Social

Rosemarie Gärtner Tschiedel – Mestre em Psicologia Social e Professora do curso de Psicologia

Anamaria Brasil de Miranda – Acadêmica do curso de Psicologia

Daniela Parisotti da Silveira Pilla – Acadêmica do curso de Psicologia

Clarissa Galecki Andrade – Acadêmica do curso de Psicologia

#### Instituição

Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Palavras-chave: comunicação comunitária; crianças e adolescentes; mídia

#### Introdução e objetivo

Este projeto surge da fusão de dois projetos, um realizado no SAPECCA (serviço de atenção e pesquisa com crianças e adolescentes) no segundo semestre de 2003, onde foi desenvolvido um grupo de vídeo e outro o projeto de intervenção sobre rádio comunitária. Esse projeto também nasceu devido à necessidade de integrar as diversas disciplinas que compõem o SAPECCA (Serviço Social, Psicologia, Educação Física, Filosofia, etc.) para trabalhar com as crianças e adolescentes aspectos fundamentais como o desenvolvimento do senso crítico, o aumento da bagagem de cultura e o trabalho em grupo. Portanto, esta intervenção “grupo de mídia”, é realizada com crianças e adolescentes participantes do SAPECCA com o objetivo de problematizar a mídia e averiguar o modo como esta vem

produzindo subjetividade na Vila Brás. O grupo tem como meta a construção de um jornal comunitário. Faz-se necessário esclarecer o que chamaremos de “mídia”: Com esse termo nos referimos a todos os programas e anúncios publicitários que utilizam os meios de comunicação áudio e/ou visuais como, por exemplo, revistas, jornais, *outdoors* e a televisão. Esclarecemos também, que o fenômeno da produção de subjetividade é ao mesmo tempo individual e coletivo: o fenômeno acontece em massa, mas depende de cada um de nós aceitarmos ou não a passividade frente ao que a mídia expõe.

Processos de subjetivação, segundo Baremlitt (2002), são processos que constituem o sujeito, estes são constantes e produzidos durante todo o desenvolvimento humano. São próprios de cada momento histórico e social, lugar e conjunturas. Temos como objetivo geral problematizar como a mídia produz a subjetividade das crianças e dos adolescentes e de que maneira ela vem atravessando as vidas dos participantes do Sapecca e da comunidade da Vila Brás, buscando o desenvolvimento do senso crítico, aumento da bagagem de cultura e vivência em grupo, oportunizando, assim, o uso fruto de uma manifestação centrada no ser humano, buscando a valorização do mesmo, enquanto cidadão consciente e reflexivo. Os objetivos específicos são: criar canais criativos e críticos que possibilitem o conhecimento frente ao mundo; possibilitar um espaço de reflexão, problematização e conscientização de valores já cristalizados pela nossa sociedade; resgatar raízes, história, valores, cultura e identidade dos integrantes do SAPECCA através de rodas informais de conversas; fortalecer a convivência em grupo com atividades dirigidas para o mesmo, desenvolvendo propriedade de solucionar seus próprios problemas através de um espírito comunitário; possibilitar a criação de um meio de comunicação e integração da comunidade, através da construção de um jornal comunitário.

## Metodologia

A intervenção é desenvolvida em grupo, que é aberto em número de crianças e adolescentes e nos encontros participam cerca de 15 integrantes, com idades de 10 a 18 anos, semanalmente no turno inverso ao escolar, no espaço da Associação de Moradores da Vila Brás, também com visitas à UNISINOS ou em outros locais para a realização de atividades.

A metodologia é participativa, contando com a coordenação de estagiários curriculares e extra-curriculares da Universidade. Propõem-se temas, a partir do que expressam as crianças e adolescentes, vinculados ao objetivo deste grupo e que são escolhidos pelo grupo e pelos estagiários junto aos seus supervisores. Estes são trabalhados através de recursos e técnicas como: a colagem, a construção de painéis e objetos com sucata, a escrita e o desenho, o uso de equipamentos como: gravador, máquina fotográfica. Esta intervenção é uma pesquisa-intervenção, já que acreditamos que pesquisador e campo de pesquisa se criam ao mesmo tempo. “As práticas produzem os objetos assim como também produzem políticas de subjetivação” (Barros, 1994). A intervenção se dá em processo, o momento de pesquisa é o momento de produção teórica assim como o momento de intervenção. A pesquisa-intervenção busca um movimento contínuo de ação crítica do cotidiano que produza novos sentidos que se encontram cristalizados.

Desta forma a análise de implicação se torna fundamental. A análise de implicação é a reação da equipe interventora no contato, e/ou antes, deste, com o objeto de análise. Portanto, são realizadas reuniões de discussão e planejamento das intervenções semanalmente, bem como de supervisão.

## Resultados e discussão

Na nossa sociedade, cada vez mais estamos nos deparando e sofrendo crises de identidade. Há uma busca constante de padrões os quais são reforçados pela mídia. A manifestação deste tipo de funcionamento psíquico está atrelada à heteronomia do pensar,

sentir e agir, constituindo conjunção global psicológica caracterizada pelo desrespeito a individualidade. Percebe-se hoje a massificação do indivíduo, em que se torna cada vez mais difícil constatar autonomia e diferenças individuais. Segundo Rolnik (1996), “está acontecendo uma verdadeira revolução no modo de produção do desejo. As pessoas deixam de se conceber como unidades autônomas. Por outro lado, passam a ter que dedicar muito de seu tempo e de seu dinheiro a tentar administrar esse processo: mal conseguem administrar de um lado e, de outro já se desarrumaram inteiramente”. Rolnik (s.d.) nos mostra que, hoje, temos melhor memória visual do que auditiva. Temos um maior repertório de opções, mas não de territórios. Diversidade cultural e ao mesmo tempo homogeneização. O mecanismo de influência não é feito pela opressão, mas pela incitação do desejo (sedução). A imagem é a realidade. A virtualidade nos fala, nos pensa. A TV induz a estados que se aproximam de estados hipnóticos, favorecendo a indução de suas mensagens (não é à toa que pessoas dormem na frente da televisão).

Coelho (1999) diz que há uma realidade social em que se pode reconhecer um crescente interesse dos meios de comunicação em incluir o pensamento psicanalítico entre as novas "tecnologias" usadas para interpretar e analisar fatos cotidianos e comportamentos de uma maneira geral. É preciso registrar também que há, em algum nível, a preocupação da mídia em divulgar e ajudar a construir novas tentativas de padronizar, através desta "tecnologia", regras ou normas de comportamento que possam servir de referência em um contexto social caracterizado pela grande velocidade de transformação nas esferas éticas e morais. No entanto, o conhecimento psicanalítico vem sendo utilizado em outro contexto que não a prática clínica; é a mídia que usa a psicanálise e os psicanalistas como mais um campo de informação a ser diluído em seu caldeirão de signos, imagens e mensagens. Os espaços do mercado, da publicidade e da mídia falam “a mim”, falam dos nossos sonhos, das nossas ilusões, da nossa sexualidade, das possibilidades mais desejadas como a de encontrar a beleza ideal e a juventude eterna.

Segundo Czermak e Neves (2001), “desejo é pura intensidade nômade à procura de uma linguagem, para que possa se expressar é justamente essa intensidade que será captada pela mídia e investida de um certo significado; assim, sentimos que viver, ter prazer é possuir um certo tipo de corpo, fazer determinados esporte”. As autoras especificam: “ao captar a intensidade movediça e mutante da formação do desejo no social, a mídia consegue criar uma linguagem, onde o desejo se concretiza e acontece. No entanto, o que não se percebe é que, neste momento, o desejo, enquanto potência ativa de criação vincula-se a uma intensidade homogeneizadora de sentidos que, por sua vez, anula o caráter ativo da possibilidade de produções singulares no social que, certamente daria “vazão” a uma multiplicidade de singularidades revolucionárias que se oporia à igualdade e individualidade capitalísticas”.

Acompanhamos, através das diversas intervenções do Projeto, junto a crianças e adolescentes, quanto a mídia está presente em seu cotidiano e com poucos espaços de reflexão a respeito do que é veiculado. Os meios de comunicação estão mais preocupados com a audiência do que com o conteúdo, pois quanto maior for a audiência, maior o custo da publicidade (já que são elas que sustentam as emissoras). A TV e o computador produzem um confinamento interativo. E se sabe que aquilo que se torna público, constante, repetitivo e isento de ponderação crítica e de impunidade adquire valor de verdade, de autoridade, de permissividade.

Vivemos numa realidade que é atravessada pelo sistema capitalista, e um dos dispositivos utilizados para reforçar este sistema é a mídia, que está claramente a serviço deste, o que acaba por produzir a exclusão social de uma maioria (em termos numéricos). A televisão produz subjetividades, entra nos lares e exhibe valores éticos e consumistas. Sabemos que muitos meios de comunicação têm uma vocação educativa, e tanto faz o formato do programa, a linguagem audiovisual adotada, seja jornalismo, novela, filme, ficção, show de

auditório, mini-série, desenho ou programa infantil, pouco importa os meios, pois, no fim, todo conteúdo midiático, de alguma forma, será assimilado como educação. Ou seja, tudo que a mídia eletrônica emite é capaz de interferir, ensinar, modificar, inseminar, contaminar e encantar corações e mentes. “Os que assistem aos programas de entretenimento podem não ter a intenção de aprender, mas aprendem, e acabam sendo manipulados” (Formiga, 2003). Fischer (2001) explica que “quando assistimos à TV, esses olhares dos outros também nos olham, mobilizam-nos, justamente porque é possível enxergar ali muito do que somos (ou do que não somos), do que negamos ou daquilo em que acreditamos, ou ainda do que aprendemos a desejar ou a rejeitar, ou simplesmente a apreciar. Em poucas palavras: em maior ou menor grau, nós sempre estamos um pouco naquelas imagens”.

Um das provas mais extravagantes de como os jornalistas das grandes empresas de comunicação são limitados no sentido ético, intelectual, ou em ambos, é sua incapacidade de mostrar a realidade ao povo. Desta forma, a mídia produz alienação através da difusão de um ideal de comodidade, o que tem como consequência a passividade das pessoas frente à situação de calamidade social. Ignora-se o estado crítico da enorme diferença entre as classes. Como se observa, a mídia se tornou o crivo da verdade, e não um meio que possibilite ao indivíduo refletir e fazer seus próprios julgamentos diante da realidade. Isso não é preocupante? Não parece que está tudo pronto, acabado e que ninguém mais precise pensar? A imprensa tem cumprido seu papel de zelar pela liberdade? As leis de imprensa deveriam ter um único e exclusivo objetivo: regular as relações da sociedade com a mídia de notícias, ou seja, assegurar os direitos constitucionais dos cidadãos e das instituições no campo da informação pública.

A partir destas considerações questionamos sobre o conteúdo do que a mídia divulga: a banalização da violência, o incentivo à discriminação racial, sexual e econômica e a falta de democratização dos meios de comunicação, entendendo esta como uma intervenção em busca da cidadania. A Comunicação Comunitária cuida de temas que não têm espaço em outros meios: a cultura, as festas, a saúde, a segurança da comunidade, que é o lugar onde as pessoas vivem, constroem relações de sangue e de espírito e suas subjetividades. A comunidade, tendo seu veículo, faz sua própria comunicação; comunicação não formal, mas concreta e real. Assim, todos podem falar, dialogar no plano público, produzir consensos para a resolução das dificuldades individuais e coletivas. Diminuir a criminalidade, aumentando a solidariedade social, a segurança coletiva, a cidadania, a democracia, concretizando-se a liberdade de expressão. Estas considerações foram as norteadoras da construção da nossa intervenção do grupo de mídia na Vila Brás e no decorrer dos encontros, foi possível observar mudanças no processo do grupo. Nos encontros iniciais foi possível observar a demanda que era trabalhar a violência na Vila Brás, uma violência que atravessa as atividades do grupo. Esta violência estava tão explicitada que era possível observar atos violentos entre os integrantes do grupo. Nas discussões esta demanda foi explicitada através das explicações de para quem servia cada meio de comunicação. Por exemplo: “o telefone serve para denunciar quando “dá bolo na vizinhança”, ou “para chamar a ambulância quando tem alguém doente”, ou ainda, “para xingar sem ser pego”. “O jornal serve para dar notícia”; perguntamos “notícia de quem?”. Eles respondem: “notícia de quando alguém morre, e de quem matou”, mas outro argumenta: “se tu disser quem que matou, tu vai ser o próximo a morrer”. Esses relatos surgiram espontaneamente; e eles mostram como a comunidade está inserida num cotidiano de violência e de lei do silêncio.

A questão das drogas também aparece nas discussões quando um dos meninos relata não gostar de filmes com violência e drogas. Refere as drogas como sendo “cocaína, “cachimbo” tirar provavelmente maconha) e armas”. Ele se posiciona contra, mas vemos que o assunto, desde cedo, já é de conhecimento deles. No processo grupal foi possível desenvolver “pequenos” movimentos instituintes, no momento em que as crianças e

adolescentes começam a romper com a idéia já cristalizada da violência, não negando este fato, mas mostrando que há mais do que violência na Vila. O grupo está se apropriando dos problemas da comunidade, tais com: mau atendimento no posto de saúde, lixo nas ruas, falta de espaços de lazer. E estes problemas também não deixam de ser violentos com a população. Porém, através da construção de reportagens, relacionados a estes temas, para a construção do jornal, parece que o grupo pode simbolizar e resignificar esta violência e que não precisou ser tão explícita como nos primeiros encontros. Na formação do grupo os coordenadores tinham a idéia de que o grupo seria de discussão, porém não supria a demanda de movimento corporal que as crianças e adolescentes demonstraram. Os coordenadores pareciam desorganizados perante esta situação, o que assim constituía um grupo desorganizado. Foi possível perceber o quanto um grupo se constitui num processo, pois ocorrido este fato foi necessário rever as estratégias de intervenção. O grupo é formado pelos coordenadores, que são alunos estagiários e pelas crianças e adolescentes. Através das relações estabelecidas naquele local com aquelas pessoas é que se deu o processo grupal. Em um dos encontros foi possível exemplificar o que estamos tentando expressar. A coordenação do grupo preparou determinada atividade, mas, ao chegar na associação de moradores, o local estava sendo ocupado por outras pessoas para uma reunião. Ficamos decepcionados com o ocorrido, mas o encontro ocorreu em outra parte do mesmo local. Assim, o que ocorreu é que toda a atividade deste dia se constituiu deste processo de desânimo.

As crianças não se interessaram pela atividade e muitas até foram embora. Esta passagem demonstra também a nossa análise de implicação, pois com o ocorrido nós não estávamos mais implicados naquele encontro o que fez com que o grupo como um todo se processasse de forma que nos pareceu “desimplicada”. O grupo demonstrou momentos de auto-análise: após efetuar uma atividade de reportagem no posto de saúde, quando cada participante tinha uma tarefa, alguns elaboraram as perguntas para a entrevista, outros tiraram fotos, outros entrevistaram e assim por diante. Eles voltaram para a associação de moradores e discutiram sobre a atividade. Perceberam como cada tarefa era relevante sem ordem de importância, ou seja, todos no grupo foram fundamentais para realização das tarefas. Estes momentos podem ter proporcionado alguns movimentos autogestivos no grupo. Quando o grupo já se mostrou mais apropriado da proposta da construção do jornal este se organizou sem a intervenção dos coordenadores. No início de cada atividade é realizada uma roda para esclarecer o que será a atividade de cada dia. Esta roda era feita quando os coordenadores do grupo chegavam. Porém, a partir de certos encontros quando chegávamos no local a roda já estava formada.

## Conclusões

As populações mais humildes e desprovidas, geralmente não são atingidas pelas formas convencionais do ensino oficial. Acontece que elas são a maioria e por isso são as maiores interessadas em criar um mundo onde tenham lugar. O grupo de mídia é um dos instrumentos nessa educação para as massas. A proposta de formação de um grupo de Mídia ensinou valores e características essenciais que podem contribuir para o entendimento crítico das relações sociais construídas historicamente pelo homem a partir de ações concretas. É um meio para outras possibilidades de intervenção, de reflexão e problematização do exercício cotidiano da cidadania podendo fazer ligação com diversos temas, proporcionando debates em rodas informais de conversas, atingindo a subjetividade e o senso crítico.

Assim, a democratização dos meios de comunicação é indispensável para a democratização da sociedade, pois hoje não é suficiente falar em liberdade de expressão e manifestação, se isto não for acompanhado do direito de expressar opiniões através dos meios de massa. É verdade que a democratização da comunicação passa pelo esforço de revisão das atuais normas de concessão de rádio e televisão comerciais, mas também, e superiormente,

em construir a possibilidade de que toda população tenha acesso ao fazer, às rádios comunitárias, às TV's populares, aos jornais de bairro; tenha direito a democratizar o falar.

Diversificar as fontes de informação, multiplicar os meios de comunicação dentro da sociedade, contribui para torná-la mais complexa, mais rica, mais independente e mais democrática. O papel básico da comunicação comunitária é o de articuladora dessas vidas privadas com a história e o meio onde elas são vividas, dando-lhes sentido e dimensão, aproximando o mundo distante ao cotidiano das pessoas e da comunidade. É uma poderosa ferramenta em mãos de uma comunidade que assume a tarefa de ver e contar, de refletir coletivamente sobre o seu cotidiano, de favorecer sua identidade cultural, para reconhecer sua força e seu valor. O ideal seria que cada vila, cada bairro tivesse sua rádio comunitária, seu jornal, sua TV popular – não apenas para “falar para fora”, mas também para facilitar a percepção da vida em seu entorno, para ampliar o intercâmbio de pontos de vida e de experiências entre todos os agentes sociais envolvidos neste processo, para a recuperação da própria história, testemunha e documento dos momentos cruciais da vida daquele bairro, daquela vila, daquela comunidade. Assim, esta intervenção de comunicação comunitária através do Projeto de Extensão SAPECCA, torna-se fundamental para criação de uma rede de comunicação local que é capaz de gerar um fluxo de informações educativas e integradoras, o que auxilia as crianças e adolescentes no processo de conquista da cidadania e redescoberta da identidade local.

#### Referências bibliográficas

- BAREMBLITT, Gregório. **Compêndio de Análise Institucional e outras correntes**. Cidade Instituto Félix Guatarri, 2002.
- BARROS, Regina Benevides. **Grupos: A Afirmação de Um Simulacro**. São Paulo: PUC-SP, 1994.
- COELHO, Nelson Ernesto. **A Imagem da Imagem: Questões sobre as relações entre Psicanálise e Mídia**. Caracas, 1999. disponível em: <http://www.geocities.com/HotSprings/Villa/3170/Nelson.htm>
- CZERMAK, Rejane, NEVES, Rosane Azevedo. **Comunicação & controle social**. 4a edição. Petrópolis, RJ, 2001.
- FEILITZEN, Cecília Von.- **A Criança e a Violência na Mídia**- Ed. Cortez, 2002
- FISCHER, Rosa Maria B.- **Mídia e Produção de Sujeito: o privado em praça pública**. Cadernos de História. Uberlândia (MG): , v.1, n.10, p.9 - 20, 2002.
- FORMIGA, Luiz Carlos D. **A Influência da Mídia. A sedução de Pocotó** Editora. RJ. Rio de Janeiro. 2003. disponível em: <http://www.ajornada.hpg2.ig.com.br/colunistas/formiga/lcdf-0027.htm>
- KLEIN, Naomi. – **A Identidade da Marca em um Planeta Vendido**. – Jornal de Resenhas, Folha de São Paulo – 11de Maio de 2002.
- Projeto: Serviço de Atenção, Pesquisa e Estudos com Crianças e Adolescentes – SAPECCA**. (1996)
- ROLNIK, Suely – **A Produção do Desejo na Era da Mídia: anotações de um cartógrafo**. São Paulo: V(1), 328 pp, Vozes, 1996.